

## Expressões do pragmatismo no Serviço Social: reflexões preliminares

**Yolanda Aparecida Demetrio Guerra**

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

### **Expressões do pragmatismo no Serviço Social: reflexões preliminares**

**Resumo:** A premissa da qual parte este artigo é a necessária revisão crítica dos fundamentos que atravessam a trajetória histórica do Serviço Social e estabelecem uma linha de continuidade entre sua base conservadora e a vertente da intenção de ruptura, inclusive interferindo nela. Realiza-se uma análise crítica sobre a influência do pragmatismo no Serviço Social que, como representação ideal da imediatividade do mundo burguês, influencia a profissão do ponto de vista prático-profissional, teórico e ideopolítico, constituindo-se em um desafio a ser enfrentado por todos os segmentos da categoria. Conclui-se que sem a leitura crítica dos fundamentos do pragmatismo não será possível avançar na apropriação adequada da teoria social de Marx, já que tem havido uma “invasão pragmatista no marxismo”.

**Palavras-chave:** Serviço Social. Expressões. Conservadorismo. Pragmatismo. Marxismo.

Recebido em 20.08.2012. Aprovado em 8.10.2012.

*Nós só pensamos quando nos defrontamos com um problema.  
Aprender? Certamente, mas, primeiro, viver e aprender pela vida, na vida.*  
John Dewey<sup>1</sup>

## Introdução

O Serviço Social ao se inserir no âmbito da divisão social e técnica do trabalho como uma profissão interventiva e institucionalizada para responder às diversas expressões da chamada “questão social”, cujos fundamentos, encobertos pela própria imediaticidade da realidade, encontram-se na economia e na política, tem sua natureza interventiva reconhecida e sancionada. Seu estatuto interventivo lhe confere um âmbito de intervenção condicionado pelos componentes estruturais do cotidiano e por sua relação com a questão social, que na aparência dá-se de maneira direta e imediata, mas é mediatizado pelas políticas sociais. Estas conferem à profissão configuração e contornos definidos, instituem mediações e sistemas de mediações que estabelecem um tipo determinado de intervenção na chamada “questão social”.

É neste quadro que o pragmatismo, como representação ideal da imediaticidade do mundo burguês, encontra o solo mais adequado para influenciar a profissão dos pontos de vista prático e profissional, teórico e ideopolítico. Porque considera que o significado das coisas, dos processos e das práticas sociais, reside neles próprios e rebate sobremaneira nas intervenções sociais e profissionais, afetando não apenas as profissões e os assistentes sociais, mas os sujeitos sociais do mundo burguês e as profissões interventivas como um todo.

Neste artigo são problematizadas as expressões do pragmatismo no Serviço Social a partir de dois enfoques que se autoimbricam. O primeiro, no que se refere à natureza da profissão, seu âmbito de intervenção, demandas e respostas profissionais; o segundo, a partir da incorporação de uma determinada racionalidade que se constitui no modo de pensar o real na sua imediaticidade e em uma forma de conceber a relação teoria e prática. Esta racionalidade não apenas orienta as representações e autorrepresentações profissionais como passa a influenciar a apropriação que os assistentes sociais fazem das teorias sociais, em especial, do marxismo, “muitas vezes se confundindo com ele”. Por estarem autoimplicados, a indicação da influência do pragmatismo em dois aspectos atende apenas a finalidade didática de demonstrar algumas particularidades atinentes mais a um determinado enfoque do que a outro.

## Pragmatismo prático e profissional

Se considerarmos a efetiva inserção do assistente social na divisão social e técnica do trabalho, vemos que a profissão especializa-se em responder a demandas que exigem solução imediata de problemas, especialmente aqueles que tensionam e ameaçam o ordenamento social.

Na sociedade capitalista, cujas contradições convertem-se em conflitos individuais, e podem ameaçar o ordenamento social, impera o que as teorias positivistas denominam de anomia, donde a necessidade de profissões que possam contemporar as situações limites que ameaçam a reprodução social. O Serviço Social surge como uma das profissões chamadas a buscar o consenso para os supostos conflitos individuais, adequar comportamentos “desviantes” e anômicos e incidir em situações de tensionamento que ameaçam e colocam em “risco” o ordenamento social. Concebida como técnica de ajuda<sup>2</sup>, de administração de conflitos ou tecnologia de solução de problemas, à profissão demandam-se resultados imediatos que alterem alguma variável do contexto social, do cotidiano no qual os sujeitos receptores de sua ação profissional inserem-se. Assim é que, além da determinação imposta pela divisão do trabalho, o solo ontológico no qual se gesta o exercício profissional é o cotidiano.

O cotidiano como espaço de realização da reprodução das individualidades e da sociabilidade é um lócus privilegiado para o assistente social. Este não apenas tem um cotidiano profissional como atua no cotidiano de outros sujeitos, em geral, visando uma modificação imediata dos mesmos. Isto porque “a vida cotidiana se desenvolve e se refere sempre ao ambiente imediato” (HELLER, 1994, p. 25, tradução nossa).

No âmbito do cotidiano, o imediatismo, o espontaneísmo e o ponto de vista da consciência comum predominam. Ação e pensamento estão organizados para responderem às demandas imediatas, na perspectiva de não colocar em risco a própria sobrevivência do sujeito e, conseqüentemente, sua reprodução social.

Ocorre que, diante das exigências objetivas do mundo concreto, “cada um deve adquirir uma capacidade ‘média’, deve ter um ‘mínimo’ de capacidade prática nas coisas mais importantes, sem o qual não é possível sobreviver” (HELLER, 1994, p. 22, grifos da autora). Neste espaço, “o particular se apropria [...] do significado (função) das objetivações genéricas em si prescindindo praticamente ‘do porquê da função’, reagindo a esta tal como é e sem questionar qual é a sua gênese” (HELLER, 1994, p. 294, grifo nosso).

Desta maneira, na vida cotidiana, o sujeito realiza a “unidade ‘imediate’ de pensamento e ação”, pois

[...] toda a categoria da ação e do pensamento manifesta-se e funciona ‘exclusivamente’ enquanto é imprescindível para a simples continuação da cotidianidade; normalmente, ‘não se manifesta com profundidade, amplitude ou intensidade especiais’ (HELLER, 1989, p. 31, grifos da autora).

Nesta perspectiva, podemos considerar que a atitude pragmática é característica própria da unidade imediata entre teoria e práxis. A supressão das mediações teóricas e ideológicas, própria da apreensão da realidade na imediateidade do cotidiano, leva a uma apropriação da realidade como carente de mediações. A abstração das mediações como resultado de uma apreensão da realidade na sua imediateidade é o procedimento da consciência comum, própria do cotidiano, que não questiona a gênese e não alcança a apreensão dos fundamentos<sup>3</sup>.

O cotidiano caracteriza-se como o espaço no qual a consciência comum se realiza, exigindo dos sujeitos um nível de flexibilidade e adaptação ao mundo que o rodeia:

[...] o ponto de vista da consciência comum coincide, neste aspecto, com o da produção capitalista e com o dos economistas burgueses. Para a consciência comum, o prático é o produtivo, e o produtivo, por sua vez, sob o prisma dessa produção capitalista, é o que produz um novo valor ou mais valia (VÁZQUEZ, 2007, p. 33).

Assim ocorre com o pensamento que se constitui a partir do cotidiano. Ele adquire o conteúdo expresso nas e pelas determinações presentes no cotidiano, ao tempo em que se constitui no conteúdo necessário à resolução das situações do cotidiano, já que na cotidianidade o correto é também verdadeiro<sup>4</sup>. Por conseguinte, a atitude da vida cotidiana é absolutamente pragmática (VÁZQUEZ, 2007).

Como afirma Heller (1994, p. 102, grifos da autora), o pensamento cotidiano recebe as próprias características do cotidiano:

[...] em parte pelo fato de que as formas heterogêneas de atividade devem ser realizadas em concomitância recíproca e em um tempo relativamente breve, e em parte pelo fato de que estas formas heterogêneas de atividade são ‘diversas’ em épocas diversas e nas diversas sociedades ou estratos sociais, pelo qual cada vez é necessário um ‘saber distinto’ para apropriar-se delas e realizá-las. Do primeiro fato deriva ‘a estrutura geral do pensamento cotidiano’, do segundo derivam ‘os conteúdos concretos do pensamento cotidiano’.

Insistimos que o pensamento cotidiano, por adquirir os conteúdos concretos das situações concretas, é capaz de dar respostas concretas a essas situações, de modo a garantir a sobrevivência do sujeito. Porém, isso não significa qualquer fatalismo na abordagem de Agnes Heller em considerar que o cotidiano confina e condiciona os homens a darem apenas um tipo de respostas: as respostas instrumentais.

Não casualmente este é um espaço propício à alienação, apesar de conter possibilidades para promover a desalienação, como argumentaremos na sequência da análise.

Como parte da sobrevivência do sujeito, a intervenção no cotidiano não apenas exige uma adaptação como permite-lhe uma autotransformação. Dito de outro modo, o cotidiano, embora se constitua em um espaço no qual a consciência comum se realize, é também um espaço no qual a contradição, que é própria da realidade social, expressa-se:

À medida que o homem busca adaptar-se ao mundo, ele se transforma durante esse processo, pois adquire capacidades, enfrenta medos, supera obstáculos etc., e, além disso, ele tem a possibilidade de auxiliar outros homens que vivem esse mesmo processo através da educação e da orientação, já que é visto como um ‘representante daquele mundo em que outros nascem’ (HELLER, 1994, p. 24, grifos da autora).

Apesar de ser o espaço para a reprodução individual, o cotidiano é a mediação necessária à reprodução da genericidade do homem, para a realização da sua dimensão humano-genérica. Sem cotidiano não há reprodução social. Destaca Heller (1994, p. 25): “A vida cotidiana faz a mediação para o não cotidiano e é a escola preparatória dele.”

Com esta afirmação, vemos que a vida cotidiana pressupõe uma relação com as atividades genéricas conscientes, as quais permitem que os sujeitos transcendam o seu particular-individual e alcancem o seu humano genérico.

É esta a base material posta pelas determinações do cotidiano que vai construindo um modo de pensar e de agir neste mesmo cotidiano, mas que o extrapola e se estende para além dele. Racionalidade que não apenas invade como molda outras esferas da vida do ser social burguês: a atividade artística, a elaboração teórica, a esfera da política, do direito, da religião, dentre outras.

A incorporação de uma determinada racionalidade, que se constitui no modo de pensar a realidade na sua imediaticidade e em uma forma de conceber a relação teoria e prática, invade tanto as representações e autorrepresentações profissionais como repercute na apropriação que o profissional faz das teorias, em especial, do marxismo. Deste modo, podemos afirmar que o pragmatismo toma de assalto o marxismo ou, utilizando uma ideia das mais fecundas, há uma “invasão”<sup>5</sup> do pragmatismo no marxismo.

### Pragmatismo teórico e ideopolítico

Como qualquer visão de homem e mundo, o pragmatismo constitui-se em um tipo de pensamento que sustenta a práxis cotidiana, já que incorpora uma determinada racionalidade que consiste no modo de pensar a realidade na sua imediaticidade e de agir sobre ela. Disso resulta uma determinada forma de conceber a relação teoria e prática, influenciando a apropriação que os assistentes sociais fazem das teorias sociais, em especial, do marxismo, muitas vezes se confundindo com ele.

Uma análise da trajetória da profissão e sua relação com as “teorias” permite afirmar que, no Serviço Social, o pragmatismo converte-se numa tendência, cuja orientação teórica é mais comum do que possamos supor, incidindo tanto sobre os profissionais que se localizam na academia como nos que se inserem na execução/planejamento/avaliação das políticas sociais.

Constatamos que o pragmatismo é responsável pelo profundo empirismo de que a profissão se nutre e por uma determinada maneira de conceber a relação teoria e prática<sup>6</sup>. Nesta abordagem, assim como no Serviço Social, há uma supervalorização da prática, identificada como pura experiência, dos hábitos e costumes que serão verdadeiros se bem-sucedidos e se servirem à solução imediata de problemas. O pragmatismo é também responsável pelo profundo desprezo que, em geral, alguns profissionais sentem por uma teoria crítica, não por qualquer saber, não pelo saber prático-instrumental, mas por aquele que efetivamente busca os fundamentos e, por isso, nem sempre se reverte em respostas imediatas.

Os autores seminais que tratam o amplo universo do que nas ciências sociais se conhece como pragmatismo<sup>7</sup> são muito diferentes entre si e não alcançam qualquer consenso sobre a sua natureza. Para uns, o pragmatismo é uma teoria da significação (Peirce); para outros, um método ou uma teoria para alcançar a verdade (James e Dewey); para outros, ainda, uma filosofia; há, também, os que o concebem como um estilo de vida. Mas a amplitude desta tendência é tamanha que ela abarca não apenas concepções diferentes, mas também opostas. Sua importância vai além do fato de que, no início do século 20, o pragmatismo representou a principal tendência norte-americana. Surge daí sua difusão como *american way of life*<sup>8</sup>. A partir daí, tanto o pragmatismo quanto o neopragmatismo passam a se constituir tendências hegemônicas em determinados momentos e conjunturas. Parece-nos que dos seus principais autores Dewey e seu instrumentalismo foi o que exerceu maior influência nas ciências sociais, especialmente na Educação<sup>9</sup>, Psicologia e no Serviço Social.

Para efeito deste artigo, analisaremos a relação do pragmatismo com o Serviço Social a partir dos três núcleos categoriais propostos por Thamy Pogrebinski (2005), autora que se dedica a estudar o pragmatismo como teoria social e política. Tais núcleos se relacionam intrinsecamente. São eles: a) o antifundacionalismo; b) o consequencialismo; c) o contextualismo.

No primeiro eixo do seu núcleo categorial, o antifundacionalismo, o pragmatismo nega qualquer possibilidade de fundar a realidade em verdades objetivas e universais consideradas como abstratas e deixadas de lado por se restringirem ao âmbito da metafísica. Aí se localiza a ideia de que o fundamento do pragmatismo é não se orientar por fundamentos.

Questiona os conceitos *a priori* e o papel da teoria em permitir qualquer prospecção generalizante de apontar tendências postas ao desenvolvimento histórico. Nesta concepção, a verdade é fruto das suas consequências práticas, aferida a partir da utilização do método pragmatista donde “o pragmatismo só pode ser compreendido pragmaticamente, ou seja, através do teste das suas consequências” (POGREBINSCHI, 2005, p. 26). Assim, nega qualquer conhecimento que esteja fundado em conceitos universais, ou melhor, que não seja fruto da experimentação do método, com o que põe em questão a existência de uma objetividade na realidade. Cabe ao pragmatismo remeter e interpretar os conceitos no domínio da “experiência”, e estes somente são aceitos à medida que permitem uma modificação da ação. Trata-se de um tipo de conhecimento aplicado à mudança ou de uma teoria da ação social.

É assim que a verdade dos conceitos está na sua capacidade de operar modificações nos sujeitos. Ela é resultado da investigação dos sujeitos e dos argumentos construídos a partir daí, de modo que o conhecimento não pode ser indiferente ao contexto que o integra, o que será tratado em seguida.

O segundo núcleo categorial do pragmatismo é o consequencialismo. Charles Peirce<sup>10</sup>, o primeiro a cunhar o termo pragmatismo foi também o primeiro a fundar o significado dos conceitos nas consequências experimen-

tais daí derivadas (POGREBINSCHI, 2005), contrapondo-se ao racionalismo cartesiano. Sua preocupação está em averiguar as consequências que um conceito opera nas experiências futuras. Para ele, o significado das coisas é dado por uma lista de condicionais, de modo que o significado de um conceito depende das suas consequências experimentais, donde o pragmatismo se constitui numa ciência observacional: toda hipótese tem que ser estabelecida pela observação e pelo raciocínio, do que decorre que toda hipótese desprovida de consequência experiencial é desqualificada. Assim, o pragmatismo acaba sendo “uma espécie de teste para verificar se concepções e teorias se relacionam de fato com a experiência” (POGREBINSCHI, 2005, p. 41).

Como bom matemático, concebe que todo pensamento pode ser conhecido através de símbolos. Assim, seu método científico é o método da observação através dos procedimentos experimentais: construir, manipular, observar, testar<sup>11</sup>. Daqui deriva um tipo de racionalidade experimental, podemos dizer instrumental e procedimental, cujo objetivo último é conhecer os processos através dos resultados por eles produzidos.

Outro pragmatista pertencente ao Círculo de Viena é Willian James. Na concepção de verdade elaborada por James (1979), uma ideia é verdadeira na medida em que acreditar nela é proveitoso para a vida do sujeito. Nessa concepção instrumental, o que vale é a verdade como um valor para o sujeito, e não a sua correspondência com a realidade. Como assevera James: “a verdade é o nome de tudo o que prove ser bom em matéria de crença” (JAMES *apud* POGREBINSCHI, 2006, p. 44). Não é possível separar o que é melhor para as pessoas daquilo que é verdadeiro para elas, de modo que a verdade pode ser definida como “o que é melhor para acreditarmos” (JAMES *apud* POGREBINSCHI, 2006, p. 127). Assim, “uma ideia é verdadeira na medida em que acreditar nela é proveitoso para nossas vidas” (JAMES, 1979, p. 59). Consequentemente, o teste da verdade consiste em encontrar aquilo que melhor nos direciona para a vida, no sentido de adaptarmos continuamente nossa experiência. Por isso não há certezas no que se refere ao processo do conhecimento.

O consequencialismo na lente de Dewey<sup>12</sup> converte-se em instrumentalismo. Dewey questiona o conhecimento dos fundamentos das coisas, da lógica interna. Para ele, a relevância do conhecimento constitui-se à medida que serve de instrumento para a resolução de problemas. O que importa na relação teoria-prática para o pragmatismo não é a relação entre teoria e realidade, senão que as formulações teóricas se constituam em guia para a investigação. Assim, tais formulações teóricas são válidas à medida que tenham utilidade e êxito na investigação da realidade na qual o sujeito insere-se. Desse modo, não interessa que a teoria seja a expressão mais próxima possível da realidade, mas que sirva como orientação para testar se as concepções teóricas relacionam-se de fato com a experiência do sujeito, daí extraíndo a veracidade das mesmas.

O terceiro núcleo categorial do pragmatismo é talvez o mais significativo para demonstrar a sua influência no Serviço Social. Trata-se do contextualismo. Não é casual que, dentre os pragmatistas, o que mais investiu nesta ideia foi o próprio Dewey.

Para Dewey, o contexto é algo inerente à vida dos sujeitos, está intrinsecamente relacionado com os modos de ser e pensar do indivíduo. No contextualismo, a ênfase recai na experiência, considerada um contexto no qual a investigação se realiza. Contexto este que se encontra sempre em transformação, exigindo do sujeito um permanente processo de adaptação. É notório o caráter biológico da educação na formação e na adaptação dos sujeitos ao ambiente<sup>13</sup>.

Pogrebinschi, a partir de seus estudos sobre o tema, atribui a Dewey a elaboração de um pragmatismo social. Segundo ela, ainda que o pragmatismo não seja apenas uma teoria da ação, ele contempla uma teoria da ação.

Importante citar que o pragmatismo em suas variadas tendências, especialmente o instrumentalismo de Dewey (1976, 2007), coloca em relevo o sujeito individual na condição de ser racional, protagonista da ação, da qual decorre sua convicção na articulação entre razão e experiência. O que vai resultar numa determinada maneira de conceber a relação teoria/prática em que pesem as condições causais impostas, servindo o pensamento para permitir que o sujeito proceda à sua própria adaptação. Com isso, almejava fundar as bases de uma ciência experimental contemporânea. Nas pesquisas de Dewey, destaca-se, também, o enfoque no indivíduo e não na sociedade.

Percebe-se que para o instrumentalismo, os sujeitos não têm por fim o conhecimento, mas este é sempre mediatizado pela ação, pelas experiências, de modo que a apropriação do conhecimento tem sempre caráter instrumental, visando o domínio sobre a realidade. O resultado do conhecimento são as consequências que produz.

Dewey considera o método científico como o principal instrumento direcionado ao processo de conhecer, “que é sempre resultado de uma modificação no ambiente visando a adaptação dos sujeitos”. Cabe enfatizar aqui a função mediadora e instrumental da consciência/conhecimento, visando alcançar a sobrevivência. Dito de outro modo: para Dewey, o pensamento não é mais do que um instrumento orientado à solução de problemas práticos, dele decorre um tipo de conhecimento advindo do saber adquirido na resolução de problemas. Assim, é conhecimento todo pensamento que se comprova em ação.

Os pragmáticos geralmente defendem que a importância de uma ideia deve ser medida pela sua utilidade, êxito e eficácia para lidar com um dado problema, resultando na concepção de que as ideias servem de “guias para a ação”. Consideram o conhecimento como um tipo de prática (prática teórica), que pode ser chancelado pelo sucesso no alcance do fim a que se propõe, pelas suas consequências práticas, tendo a experiência como critério de correção das formulações teóricas. Ou, como diz Dewey (1950, p. 4, grifo do autor),

[...] no sentido genuíno do ‘pragmático’, a saber, a função que incumbe as consequências como provas necessárias da validade das proposições, sempre que estas consequências se tenham alcançado operativamente e sejam tais que resolvam o problema específico que suscita as operações.

Dewey, à medida que considera que todo conhecimento emana da experiência, acaba por negar a teoria ou um tipo determinado de teoria, aquela que se esmera na busca dos fundamentos, já que se baseia na premissa de que “para o homem prático [e assim se colocam também as profissões práticas], a prática é autossuficiente, não exige mais apoio e fundamento que não seja ela própria” (DEWEY, 1950, p. 35). Por isso, a redução da prática a um conjunto de experiências e a noção de teoria como a experiência colocada em prática. O pensamento cumpre estágios que permitem solucionar determinados problemas em cada um dos quais os homens encontram instrumentos eficazes para sua interação com o mundo.

**... o pragmatismo, como o modo de ser da imediaticidade do mundo burguês e de sua representação ideal, tomada a partir da experiência, opera com tamanha sutileza que temos dificuldade de perceber que ele é apenas o modo de “apreensão da aparência” do real e não o modo de ser do próprio real.**

Esta concepção norteia as profissões prático-interventivas, que se autodefinem como “aplicadas”, para o que utilizam um conjunto de conhecimentos ecléticos, selecionando de cada teoria, método, doutrina ou estilo o que lhe parece mais adequado para o alcance dos resultados desejados. É a “teoria de resultados”, a aplicação prática de experiências refletidas pela consciência comum, a qual não alcança a lógica constitutiva das mesmas, e, por isso, não é capaz de interpretá-las. Assim: “a prática fala por si” (DEWEY, 1950, p. 35). Ou como afirma Vázquez (2007, p. 34), “o homem comum está disposto a rir do filósofo que, absorto pela teoria, caminha pelo céu da especulação e tropeça no mundo das coisas práticas”<sup>14</sup>.

Com isso, as profissões “interventivas” ou “aplicadas”, pela condição na qual se inserem na realidade, em geral, restringem a verdade aos conceitos que podem ser aplicados nas situações do cotidiano<sup>15</sup>. Também no Serviço Social, esta concepção de que a verdade está nas consequências alcançadas como resultado da instrumentalidade dos sujeitos, isto é, da sua capacidade de solucionar situações prático-imediatas, tem sido recorrente<sup>16</sup>.

Mas o pragmatismo, como o modo de ser da imediaticidade do mundo burguês e de sua representação ideal, tomada a partir da experiência, opera com tamanha sutileza que temos dificuldade de perceber que ele é apenas o modo de “apreensão da aparência” do real e não o modo de ser do próprio real. Ele opera em um nível da práxis, cuja inserção e apreensão imediata da realidade passa a ser a atitude prática do homem comum no cotidiano. A atitude pragmática e o pensamento no cotidiano se naturalizam e são naturalizados pela racionalidade tipicamente burguesa. Pensamento e atitude pragmáticos, por permitirem a inserção dos profissionais na realidade, ratificam na profissão um tipo de realismo, ele próprio ingênuo, que se contrapõe ao realismo crítico. Assim, esta “atitude imediata e ingênua da consciência comum” (VÁZQUEZ, 2007, p. 28), na verdade, nada tem de ingênua, embora se limite à imediaticidade, ou como opção ou como falta dela, já que o homem burguês possui

[...] uma consciência da práxis que se foi forjando de um modo espontâneo e irreflexivo, ainda que nela não faltem [...] por ser consciência, certos elementos ideológicos ou teóricos em forma degradada, grosseira ou simplista (VÁZQUEZ, 2007, p. 35).

Porque no espaço do cotidiano confirmam-se expressões da “questão social”, elas são tomadas em si e não como resultado da luta de classes. Assim,

[...] a aludida estrutura, que na cotidianidade não aparece como um fenômeno de alienação, é necessariamente manifestação de alienação ‘na arte, na ciência, nas decisões morais e na política’ (HELLER, 1989, p. 39, grifo nosso).

Não obstante, alerta-nos Vázquez (2007, p. 35) para a contradição que nesta relação se coloca, já que o sujeito:

[...] tem consciência do caráter consciente de seus atos práticos. Isto é, ele sabe que sua atividade prática não é puramente mecânica ou instintiva, e que exige certa intervenção de sua consciência, mas no que diz respeito ao verdadeiro conteúdo e significação de sua atividade, ou seja, no que se refere à concepção da própria práxis, ele não vai além da ideia antes exposta: práxis em um sentido utilitário, individual e autossuficiente (ateórico).

Nesta concepção, o caráter de utilidade e eficácia de todo conhecimento é o critério para se atuar nas situações análogas, com juízos provisórios que se cristalizam em preconceitos, como marcas do pragmatismo. Produto de uma consciência que não reflete a realidade em sua totalidade, não expressa a práxis intencional, mas apenas a prática repetitiva, que é própria do cotidiano<sup>17</sup>. Assim, consideramos também que o assistente social,

[...] devorado por e em seus ‘papéis’ pode orientar-se na cotidianidade através do simples cumprimento adequado desses ‘papéis’. A assimilação espontânea das normas consuetudinárias dominantes pode converter-se por si mesma em conformismo, na medida em que aquele que as assimila é um indivíduo sem ‘núcleo’; e a particularidade que aspira a uma vida boa sem conflitos reforça ainda mais esse conformismo com a sua fé (HELLER, 1989, p. 37-38, grifos nossos).

Muitas vezes atuamos, no cotidiano, na base da confiança e da fé, como dois modos próprios dessa esfera. Porém, eles são limitados e limitadores de um tipo de intervenção no real. No cotidiano, agimos em função de juízos provisórios, os quais mesmo sendo negados pela realidade social não são abortados em razão da crença, fé e hábito formados pela experiência.

Dado que o pensamento cotidiano é pragmático, cada uma de nossas atividades cotidianas faz-se acompanhar por uma certa fé ou uma certa confiança. Não há lugar para a fé quando está em jogo a justeza da manipulação ou da objetivação coisificada; em princípio, basta a experiência para realizar as correções necessárias (HELLER, 1989, p. 34).

Não há lugar para a fé, se o profissional reconhece a teoria que o orienta. O erro do profissional é o de conceber que pode realizar seu exercício profissional sem teoria. Quem desconhece a teoria social que o orienta acaba se tornando instrumento de manipulação da mesma. O mesmo ocorre com os que pensam que o papel da teoria é sancionar e justificar o existente. Como afirma Gouldner (1970, p. 14):

[...] aqueles [...] que creem poder separar a elaboração de teorias da transformação da sociedade não atuam, em realidade, sem teoria, senão com uma que é tática e, por isso, não analisável nem perfectível. Se não apreendem a utilizar a consciência serão utilizados por ela.

Somente por meio da análise ontológica pode o profissional desvelar o significado social da profissão como atividade que, inserida na divisão social e técnica do trabalho, constitui-se numa manifestação particular do trabalho social, significado que somente pode ser apreendido

[...] por uma consciência que capte o conteúdo da práxis em sua totalidade como práxis histórica e social na qual se integrem e se perfilam suas formas específicas (o trabalho, a arte, a política, a medicina, a educação) assim como suas manifestações particulares nas atividades dos indivíduos ou grupos (GOULDNER, 1970, p. 36).

Em face destas reflexões, reconhecemos que na ordem burguesa, apesar da coexistência de diversas racionalidades, ela padece de um tipo dominante de racionalidade própria da civilização capitalista ocidental. Assim, ao ser concebida como a forma hegemônica “de racionalidade vigente”, atravessa as diversas esferas de vida social que passam a se organizar a partir dos seus componentes pragmáticos, utilitários, instrumentais, constituindo a própria sociabilidade burguesa, que é transversal às classes, segmentos de classes, instituições e práticas sociais e profissionais<sup>18</sup>.

Esta racionalidade vem percorrendo a trajetória histórica da profissão e se expressa no contexto sócio-histórico e no formato da política social. No espaço sócio-ocupacional onde a intervenção se realiza, na sua orientação e reivindicação de resolutividade, na aferição de resultados através de metas quantitativas. No uso utilitário e instrumental do projeto ético-político profissional e de seus princípios e orientações, bem como no do referencial teórico e ideopolítico que norteia as intervenções profissionais. Nesse campo, por inspiração da feliz expressão de Quiroga (1991), consideramos que tem havido uma “invasão” pragmatista no marxismo, uma apropriação instrumental do marxismo, expressa na exigência de um marxismo que resolva os problemas imediatos da prática profissional.

Ora, somente a análise dos fundamentos das formulações teórico-metodológicas clássicas, permite-nos responder quais são suas categorias de análise<sup>19</sup> e como elas são escolhidas. Como diz Gouldner (1970, p. 21),

Em resumo, o problema é: quais são os resultados sociais e políticos do sistema intelectual que examinamos? [e sobre o qual nos aportamos] Liberam ou reprimem os homens? Os atam ao mundo social existente ou lhes permitem transcendê-lo? Esta racionalidade não apenas invade o marxismo como se confunde com ele<sup>20</sup>.

Esta apropriação pragmática do marxismo pela profissão, produto da presença da razão instrumental, fundamentada numa visão de que a verdade de uma teoria está em razão direta aos resultados que produz, (re)coloca-lhe desafios. A influência da razão instrumental e a tendência de converter todo conhecimento em modelos e em metodologias para a intervenção<sup>21</sup>; a constante requisição por teorias que facultem pautas interventivas (numa verdadeira compulsão por teorias de resultado ou teorias da ação<sup>22</sup>); a preterição da funcionalidade da profissão em face de procedimentos técnico-instrumentais são expressões de uma visão de Serviço Social como técnica social (de ajuda, de administração de conflitos, de resolução de problemas diversos, de gestão da pobreza, “de aplicação de direitos”). Assim indicamos, ainda que de maneira preliminar, a permanência do pragmatismo prático, teórico e ideopolítico na profissão.

### **A título de conclusão: a necessária leitura marxista dos fundamentos do pragmatismo**

Porque vivemos sob os efeitos de uma hegemonia da razão instrumental, a teoria social de Marx tem que driblar seus ataques e se depurar de suas contaminações.

Na contemporaneidade do capitalismo, a lógica pragmática encontra cada vez mais espaço para se afirmar. O individualismo e o subjetivismo, a “centralidade no sujeito” e não no ser social, a valorização do utilitarismo e não a utilidade social direcionada à transformação são suas marcas determinantes e recorrentemente ressignificadas.

No que diz respeito ao Serviço Social, a recorrência ao empiricismo mais elementar o condena a um antirrealismo, ingênuo e falso; como é falsa a concepção, cada vez mais presente na profissão, de Serviço Social como técnica social (de ajuda, de mediação de conflitos, de resolução de problemas, efetivação de direitos).

Na trajetória histórica da profissão, os influxos do pragmatismo deixaram suas marcas: na concepção de profissão como instrumento a serviço do projeto do capital, na concepção de prática de ajuda psicossocial, no seu enfoque no sujeito, na sua função educativa visando adaptação e ajustamento, na sua fissura pelas técnicas, instrumentos e metodologias de ação, no profundo ecletismo, no desprezo pelos fundamentos. O pragmatismo expressa-se, sobretudo, como caracterização do que Netto (1990, p. 117) chamou de Serviço Social tradicional: “a prática empirista, reiterativa, paliativa e burocrática”. Na atualidade, tais influxos apresentam-se, por exemplo, nos critérios da formação profissional que são cada vez mais pragmáticos, na racionalidade adotada que se reduz à lógica das competências e dos comportamentos manipulatórios, na leviandade e no aligeiramento como características atuais do conhecimento, nas categorias de análise de realidade reduzidas a categorias instrumentais, no pensamento agnóstico, como a negação da possibilidade de ascender ao conhecimento da lógica constitutiva dos processos e práticas (sociais, políticas e profissionais), enfim, de alcançar os fundamentos da vida social. Como diz Heller (1989, p. 39), “a ciência moderna, cada vez mais vem se moldando aos fundamentos pragmáticos”, as pesquisas se restringem a meros levantamentos de dados empíricos, reduzindo-se a atividades experimentais, meras descrições que se limitam ao âmbito das percepções, sensações (intuição). A substituição da teoria pela crença e pela fé, “a conversão de questões políticas em problemas de sensibilidade”, a transformação da crítica radical em crítica romântica e a questão social em problemas de ordem pessoal, de autoestima e/ou de “empoderamento”.

As exigências que fazemos do marxismo em dar respostas imediatas a situações imediatas cancelam seus conteúdos prático-críticos. Este marxismo pragmático é decorrente da influência pragmatista no marxis-



mo, convertendo-se em um marxismo instrumental, asséptico, positivado, totalmente abstraído da perspectiva do vir a ser, apartado da imperativa necessidade da revolução. Somente a crítica ontológica é capaz de expor a lógica do pragmatismo e sua influência no mundo contemporâneo. Porém,

A investigação por si só não poderá desentranhar o potencial libertador da sociologia acadêmica ou do marxismo histórico. Isto exige também ação e crítica, intenção de modificar o mundo social e intenção de modificar a ciência correspondente, uma e outra, profundamente entrelaçadas, ainda que somente seja porque a ciência social é tanto parte do mundo social como uma 'concepção' deste (GOULDNER, 1970, p. 22, grifo do autor).

O cotidiano, como espaço que sintetiza os fundamentos ontológicos da vida social, exige a atitude pragmática para a reprodução individual e social, mas também permite que se reflita sobre que determinações e necessidades exigem a atitude pragmática para a sua reprodução. No que toca à profissão, são os princípios que a orientam, expostos no seu marco regulatório (código de ética, lei de regulamentação e diretrizes curriculares) que formulam as bases para uma clara e contundente recusa da atitude pragmática e do senso comum que a acompanha.

## Referências

BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.

BRANDÃO, C. S. *Pragmatismo e Serviço Social: elementos para a crítica ao conservadorismo*. 2010. 157 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=202467](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=202467)>. Acesso em: 10 jun. 2012.

CARVALHO, B. V. As influências do pensamento de John Dewey no cenário educacional brasileiro. *Revista Redescritões*, ano 3, n. 1, 2011. Disponível em: <[http://www.gtpragmatismo.com.br/redescritoes/redescritoes/ano3\\_01/4\\_carvalho.pdf](http://www.gtpragmatismo.com.br/redescritoes/redescritoes/ano3_01/4_carvalho.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2012.

COELHO, M. A. Imediaticidade na prática profissional do assistente social. In: FORTI, V. L.; GUERRA, Y. A. D. (Org.). *Serviço Social: temas, textos e contextos*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2009, p. 23-43.

DEWEY, J. *Lógica: teoría de la investigación*. Tradução de Eugenio Imaz. México: Fondo de Cultura Económica, 1950.

\_\_\_\_\_. *Experiência e educação*. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976.

\_\_\_\_\_. O desenvolvimento do pragmatismo americano. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 227-243, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ss/v5n2/a05v5n2.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

GOULDNER, A. W. *La crisis de la sociología occidental*. Tradução de Nestor Miguez. Buenos Aires: Amorrortu, 1970.

HELLER, A. *O cotidiano e a história*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

\_\_\_\_\_. *Sociología de la vida cotidiana*. Traducción de J. F. Ivars y Eric Pérez Nadal. Barcelona: Ediciones Península, 1994.

JAMES, W. *Pragmatismo e outros textos*. Tradução de J. C. Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).

LUKÁCS, G. *As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978, p. 1-18. (Coleção Temas de Ciências Humanas, n. 4).

MONTAÑO, C. *A natureza do Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 2007.

NETTO, J. P. *Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64*. São Paulo: Cortez, 1990.

\_\_\_\_\_. *Capitalismo monopolista e Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 1992.

POGREBINSCHI, T. *Pragmatismo: teoria social e política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

\_\_\_\_\_. Será o neopragmatismo pragmatista? Interpelando Richard Rorty. *Novos Estudos – CEBRAP*, São Paulo, n. 74, p. 125-138, 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002006000100008>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

QUIROGA, C. *Invasão positivista no marxismo*. São Paulo: Cortez, 1991.

SANTOS, L. L. Metodologismo: explosão de uma época In: \_\_\_\_\_. *Textos de Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 1993, p. 107-150.

VÁZQUEZ, S. A. *Filosofia da práxis*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

## Notas

- 1 Com esta epígrafe pretende-se explicitar o espírito do pragmatismo, indicando sua identificação com um tipo de pensamento que se torna hegemônico no mundo burguês.
- 2 Especialmente a ajuda no campo psicossocial.
- 3 A este respeito, indicamos o interessante texto de Coelho (2009). Ver também a dissertação de mestrado de Brandão (2010).
- 4 Explicamos: isso não significa que o pensamento comum não reflita os objetos, mas o faz na sua fenomenalidade. Nessa condição, a consciência que reflete o fenômeno não o faz na perspectiva de apreender o *nooúmenon* (essência do objeto) do mesmo modo em que o objeto não se converte em concreto pensado, menos ainda é refletido numa perspectiva crítico-transformadora.
- 5 Conforme Quiroga (1991).
- 6 Desnecessário dizer da relação existente entre o pragmatismo norte-americano e o empirismo inglês de Bacon, apesar das críticas que Peirce, James e Dewey fazem a Bacon e de considerarem o pragmatismo como uma alternativa ao empirismo e ao racionalismo.
- 7 O que aqui designamos sob o nome de pragmatismo se constitui numa escola filosófica no final do século 19. No ano de 1871, em Cambridge, Estados Unidos, um grupo de intelectuais, com a preocupação em liberar a filosofia contra os excessos de metafísica e do formalismo da teoria cartesiana do conhecimento, passa a se reunir sob o nome de Clube Metafísico. Em 1872, Charles Sanders Peirce (1839-1914), filósofo, cientista e matemático, submete à crítica de seus companheiros um conjunto de ideias relativas a um método que ele denominou de pragmatismo. Daí para frente, torna-se um movimento intelectual, constituindo-se numa escola de pensamento.
- 8 É importante evidenciar que o pragmatismo surge exatamente na passagem do capitalismo concorrencial para o capitalismo monopolista (passagem do século 19 para o 20) nos Estados Unidos, no período posterior à Guerra Civil Americana. Este período é também marcado pela separação entre a Igreja e o Estado e pelo franco desenvolvimento da ciência e da tecnologia.
- 9 O campo da educação é repleto de influência do pragmatismo de Dewey, especialmente no movimento que se denominou Escola Nova, cujas ideias são propagadas através de um grande intelectual como Anísio Teixeira, dentre outros.
- 10 O espírito darwinista e agnóstico de Peirce é evidente.
- 11 “Para Peirce, a mente consiste num mecanismo prático já que é instrumental para a sobrevivência do homem: assim como o significado se adapta ao seu propósito, o sujeito se adapta ao seu fim e a mente lhe serve como um mecanismo adaptativo para enfrentar o ambiente externo” (POGREBINSCHI, 2005, p. 39).
- 12 John Dewey (1859-1952), psicólogo, filósofo, educador norte-americano. É inquestionável a sua contribuição à psicologia behaviorista e a uma pedagogia da adaptação.
- 13 Na abordagem de Dewey, é inquestionável a visão de que a necessária reforma da sociedade tem que passar pela reforma moral dos sujeitos, pela via da educação (CARVALHO, 2011).
- 14 Trata-se da chacota através da qual são muitas vezes tratados os que estão preocupados com a apreensão dos fundamentos.

- 15 Talvez isso explique a verdadeira compulsão que algumas áreas do conhecimento, dentre elas o Serviço Social, sentem pelas formulações de Bourdieu (1996): noção de *habitus* como o senso prático que dá origem a uma teoria que explica o princípio gerador de práticas, instaurando a primazia da razão prática, pautada na noção de uma prática teórica na qual “só se aprende a fazer, fazendo”.
- 16 Do que resulta o que hoje conhecemos como a formação por competências.
- 17 Conforme Vázquez, *op. cit.*
- 18 Mostra Netto (1992, p. 37) que “a sociedade burguesa, com o monopólio organizando e regulando o mercado, produz e reproduz os seus agentes sociais particulares”. E mais ainda, cria as estruturas, instituições, políticas e práticas capazes de darem-lhe sustentação nos planos da sua produção e reprodução social.
- 19 No marxismo as categorias podem ser ontológicas e lógicas. As primeiras fazem parte do modo de ser do próprio real. São modos de ser, determinações da existência, captadas pelo sujeito ao perguntar aos objetos da realidade como eles são. Constituem “formas moventes e movidas da própria matéria” (LUKÁCS, 1978, p. 2-3) que é a realidade social. As categorias lógicas são as construções que a razão realiza para interpretar tais modos de ser, donde as diferentes interpretações por parte das teorias sociais. O surgimento do capitalismo, por exemplo, é interpretado pelas teorias sociais de maneiras diferentes, a exemplo da ética protestante weberiana e da teoria do valor trabalho de Marx.
- 20 Para Vázquez (2007, p. 241): O pragmatismo identifica o verdadeiro com o útil. Essa tese da utilidade poderia confundir algumas pessoas se se levar em conta que o marxismo não vê no conhecimento um fim em si, mas sim uma atividade do homem vinculada a suas necessidades práticas às quais serve de forma mais ou menos direta, e em relação com as quais se desenvolve incessantemente.
- 21 A exemplo da já criticada experiência do Método BH (desenvolvida na Universidade Católica de Minas Gerais entre os anos 1972 e 1975). A este respeito, ver Santos (1993), Netto (1990) e Montañó (2007).
- 22 O que certamente tem a ver com o sucesso que Habermas faz no Serviço Social.

**Yolanda Aparecida Demetrio Guerra**

yguerra1@terra.com.br

Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Professora do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

**UFRJ – Escola de Serviço Social**

Av. Pasteur, n. 250, fundos

Praia Vermelha

Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Brasil

CEP: 22290-240